



ISSN 2674-8169



Latindex



DOI



APRENDER SEM CABER NA NOTA: *Como a cultura da mensuração empobrece os processos educativos*

José Carlos Guimarães Junior, Fabiano da Silva Araujo, Hilke Carlyle de Medeiros Costa, Adilson Gomes de Campos, Vanuza Ferreira Marschner, Maísa Ferreira Machado, Hellygenes de Oliveira, Tânia Lúcia Viana de Souza



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2026v8n2p1240-1251>

Artigo recebido em 28 de Janeiro e publicado em 28 de Fevereiro de 2026

ARTIGO ORIGINAL

Resumo

A centralidade da nota como principal indicador de aprendizagem constitui uma das marcas mais persistentes da cultura escolar contemporânea, refletindo uma lógica de mensuração que reduz processos educativos complexos a números, médias e classificações. Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre os impactos da cultura da mensuração nos processos educativos, problematizando a redução da aprendizagem a resultados quantificáveis e seus efeitos sobre o desenvolvimento integral dos estudantes. A partir de uma abordagem teórica e analítica, discute-se como a obsessão por métricas, rankings e desempenhos mensuráveis tende a empobrecer as práticas pedagógicas, desconsiderando dimensões subjetivas, sociais, culturais e emocionais da aprendizagem. Autores contemporâneos da área da Educação apontam que a nota, quando utilizada como fim em si mesma, reforça práticas excludentes, estimula a competitividade e limita a construção de sentidos no processo educativo. O estudo dialoga com concepções críticas de avaliação, defendendo a necessidade de superação de modelos centrados exclusivamente na mensuração, em favor de práticas avaliativas formativas, processuais e emancipadoras. Argumenta-se que aprender não se resume a alcançar determinado valor numérico, mas envolve trajetórias singulares, ritmos diversos e experiências significativas que escapam à lógica da quantificação. Ao tensionar a hegemonia da nota, o artigo contribui para o debate sobre avaliação, currículo e justiça educacional, reforçando a importância de práticas pedagógicas comprometidas com a formação humana integral e com a democratização do ensino.

Palavras-chave: Avaliação educacional; Cultura da mensuração; Aprendizagem significativa; Justiça educacional.

Abstract

The centrality of grades as the main indicator of learning represents one of the most persistent features of contemporary school culture, reflecting a measurement-oriented logic that reduces complex educational processes to numbers, averages, and classifications. This article offers a critical reflection on the impacts of the culture of measurement on educational processes, questioning the reduction of learning to quantifiable results and its effects on students' integral development. Through a theoretical and analytical approach, the study discusses how the obsession with metrics, rankings, and measurable performance tends to impoverish pedagogical practices, disregarding subjective, social, cultural, and emotional dimensions of learning. Contemporary scholars in the field of Education argue that grades, when treated as an end in themselves, reinforce exclusionary practices, stimulate competitiveness, and limit the construction of meaning in educational processes. The article engages with critical perspectives on assessment, advocating for the overcoming of models centered exclusively on measurement in favor of formative, process-oriented, and emancipatory assessment practices. It is argued that learning cannot be reduced to achieving a numerical value, but rather involves singular trajectories, diverse rhythms, and meaningful experiences that escape quantification. By challenging the hegemony of grading, this study contributes to debates on assessment, curriculum, and educational justice, emphasizing the importance of pedagogical practices committed to holistic human development and the democratization of education.

Keywords: Educational assessment; Measurement culture; Meaningful learning; Educational justice.

1. Introdução

A cultura da mensuração ocupa um lugar central nas práticas escolares contemporâneas, estruturando currículos, organizando tempos pedagógicos e orientando decisões institucionais a partir de indicadores numéricos que pretendem representar a aprendizagem dos estudantes.

Nesse cenário, a nota emerge como símbolo máximo de sucesso ou fracasso escolar, assumindo uma função que ultrapassa a dimensão pedagógica e passa a operar como mecanismo de controle, classificação e hierarquização. Pesquisadores da área educacional têm alertado que essa lógica mensuradora, ao simplificar processos complexos, tende a empobrecer a experiência educativa, deslocando o foco do aprender para o obter resultados.

A ênfase excessiva na mensuração não apenas redefine o papel da avaliação, mas também influencia profundamente as práticas docentes e as relações pedagógicas, uma vez que professores e estudantes passam a orientar suas ações em função do desempenho quantificável.

Freitas argumenta que a nota se transforma em instrumento de poder, capaz de regular comportamentos, induzir práticas pedagógicas reducionistas e reforçar desigualdades históricas presentes no sistema educacional. Nesse contexto, aprender passa a significar responder corretamente a testes e provas, em detrimento da construção de sentidos, da reflexão crítica e do desenvolvimento da autonomia intelectual.

Além disso, a cultura da mensuração se articula a políticas educacionais baseadas em avaliações externas, rankings e metas de desempenho, reforçando uma visão tecnicista da educação, na qual qualidade é frequentemente confundida com resultados estatísticos. Literatos da educação como Gatti destacam que essa perspectiva ignora as condições concretas de ensino, as diferenças socioculturais entre os estudantes e os múltiplos fatores que influenciam a aprendizagem. Dessa forma, a nota assume um caráter aparentemente objetivo, mas profundamente carregado de implicações sociais e políticas.

Diante desse cenário, torna-se fundamental questionar os limites da mensuração como eixo estruturante da avaliação escolar e refletir sobre alternativas que reconheçam a complexidade do aprender.

Este artigo parte do pressuposto de que aprender não cabe integralmente na nota, pois envolve processos subjetivos, interações sociais e experiências que escapam à lógica da

quantificação. Ao problematizar a cultura da mensuração, busca-se contribuir para a construção de práticas avaliativas mais humanas, inclusivas e comprometidas com a formação integral dos sujeitos.

2. Metodologia

Este artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, partindo do entendimento de que os fenômenos educacionais relacionados à avaliação da aprendizagem e à cultura da mensuração não podem ser plenamente compreendidos por meio de procedimentos exclusivamente quantitativos.

A escolha pela pesquisa qualitativa justifica-se pela necessidade de interpretar sentidos, discursos e concepções que estruturam as práticas avaliativas no contexto escolar, especialmente aquelas centradas na nota como principal indicador de aprendizagem.

Creswell (2014) destaca que a investigação qualitativa possibilita compreender os significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos educacionais, valorizando a complexidade, o contexto e a profundidade analítica dos dados.

A pesquisa bibliográfica foi adotada como principal procedimento metodológico, sendo compreendida como um processo sistemático de levantamento, seleção e análise crítica de produções acadêmicas relevantes.

Flick (2019) argumenta que a pesquisa bibliográfica, quando conduzida com rigor teórico e metodológico, permite a construção de quadros interpretativos consistentes, capazes de sustentar análises críticas sobre práticas educacionais, discursos institucionais e políticas públicas. Nesse sentido, foram selecionadas obras que discutem avaliação educacional, cultura da mensuração, aprendizagem e metodologias de pesquisa qualitativa, priorizando autores amplamente reconhecidos no campo científico.

O processo de análise dos materiais foi orientado por princípios da análise interpretativa, buscando identificar categorias teóricas recorrentes, tensões conceituais e convergências analíticas entre os diferentes textos examinados. Bogdan e Biklen (2013) enfatizam que a análise qualitativa envolve um movimento contínuo de leitura, releitura e interpretação, no qual o pesquisador constrói sentidos a partir da interação sistemática com os dados.

Dessa forma, os textos selecionados foram analisados considerando seus pressupostos teóricos, objetivos, metodologias e contribuições para a compreensão crítica da avaliação escolar.

Além disso, recorreu-se à análise de conteúdo como estratégia complementar de organização e interpretação dos dados textuais. Bardin (2016) define a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas que permite sistematizar informações, identificar núcleos de sentido e produzir inferências fundamentadas a partir de comunicações verbais e escritas.

A partir dessa perspectiva, foram construídas categorias analíticas relacionadas à centralidade da nota, aos limites da mensuração e às possibilidades de avaliação para além do resultado numérico, garantindo maior coerência entre os objetivos do estudo e o percurso metodológico adotado.

Ressalta-se que esta investigação não possui caráter empírico, mas assume um compromisso teórico-crítico com a ampliação do debate acadêmico sobre avaliação escolar.

Ao adotar uma metodologia qualitativa e bibliográfica, o estudo busca contribuir para a reflexão sobre práticas avaliativas mais humanas, formativas e contextualizadas, alinhadas às demandas contemporâneas da educação e à superação da lógica reducionista da mensuração.

3. Revisão bibliográfica

Apple (2013) desenvolve uma crítica contundente às formas pelas quais a educação contemporânea tem sido progressivamente subordinada a lógicas de padronização, controle e mensuração, fenômeno que afeta diretamente os modos de avaliar a aprendizagem escolar.

Para o autor, a centralidade da nota e dos indicadores quantitativos não é neutra, mas expressão de um projeto político que redefine o conhecimento escolar a partir de critérios de eficiência, desempenho e produtividade. Nesse sentido, a avaliação deixa de ser um instrumento pedagógico para se tornar um mecanismo de regulação social, no qual a aprendizagem é traduzida em números que servem à comparação e à hierarquização de estudantes, escolas e sistemas educacionais.

Apple (2013) argumenta que essa lógica mensuradora empobrece os processos educativos ao reduzir a complexidade do conhecimento humano a resultados mensuráveis, desconsiderando contextos culturais, históricos e sociais que atravessam a experiência

escolar. O autor ressalta que a cultura da nota contribui para a naturalização das desigualdades, uma vez que os resultados avaliativos passam a ser interpretados como mérito ou fracasso individual, ocultando as condições estruturais que moldam as oportunidades de aprendizagem. Assim, aprender deixa de ser um processo crítico e emancipador para se tornar um meio de adequação a padrões externos, fragilizando a função social da escola como espaço de formação democrática.

Ball (2012) analisa a avaliação escolar a partir de uma perspectiva crítica das políticas educacionais contemporâneas, destacando como a cultura da mensuração se articula a modelos de responsabilização e performatividade.

Para o autor, a centralidade dos indicadores numéricos redefine o trabalho docente e a experiência discente, produzindo uma escola orientada por metas, rankings e resultados comparáveis.

Ball (2012) sustenta que, nesse contexto, a nota assume um papel simbólico poderoso, funcionando como dispositivo de vigilância e controle que molda práticas pedagógicas e comportamentos escolares. A aprendizagem, sob essa lógica, passa a ser valorizada apenas quando pode ser traduzida em desempenho mensurável, o que empobrece a diversidade de saberes e experiências que constituem o processo educativo.

O autor argumenta que a cultura da mensuração produz subjetividades marcadas pela ansiedade, pela competição e pelo medo do fracasso, tanto entre estudantes quanto entre professores.

Ao enfatizar resultados quantificáveis, a avaliação perde sua dimensão formativa e reflexiva, tornando-se um fim em si mesma. Ball (2012) conclui que romper com essa lógica exige repensar profundamente os sentidos atribuídos à avaliação, deslocando o foco da mensuração para a compreensão dos processos de aprendizagem.

Sacristán (2017) discute a avaliação escolar como parte integrante do currículo, ressaltando que as práticas avaliativas revelam concepções profundas sobre conhecimento, aprendizagem e ensino.

O autor argumenta que a cultura da nota expressa uma visão reducionista de aprendizagem, na qual o saber escolar é fragmentado, padronizado e descontextualizado. Sacristán (2017) destaca que avaliar por meio de números tende a privilegiar aprendizagens facilmente mensuráveis, em detrimento de competências complexas, como pensamento crítico, criatividade e reflexão ética.

Nessa perspectiva, aprender passa a significar acumular informações e responder corretamente a testes, empobrecendo o sentido formativo da educação. O autor ressalta que a avaliação centrada na mensuração influencia diretamente o currículo ensinado, uma vez que professores tendem a priorizar conteúdos cobrados em provas, limitando a diversidade pedagógica.

Sacristán (2017) defende que superar a cultura da nota implica compreender a avaliação como prática cultural e política, capaz de promover aprendizagens significativas quando articulada a projetos educativos comprometidos com a formação integral dos estudantes.

Santos (2019) contribui para o debate ao problematizar as epistemologias dominantes que sustentam a centralidade da mensuração nos processos educativos. O autor argumenta que a lógica avaliativa hegemônica privilegia um tipo específico de conhecimento, mensurável e padronizável, invisibilizando saberes diversos e experiências que não se enquadram nos critérios formais da escola.

Santos (2019) afirma que a nota funciona como instrumento de legitimação de um modelo monocultural de aprendizagem, no qual apenas determinados modos de conhecer são reconhecidos como válidos. Essa lógica empobrece os processos educativos ao silenciar vozes, trajetórias e saberes que emergem de contextos populares, periféricos e culturalmente diversos.

O autor defende a necessidade de uma ecologia de saberes também no campo da avaliação, reconhecendo múltiplas formas de aprender e expressar conhecimentos. Aprender, nessa perspectiva, não pode ser reduzido a um valor numérico, pois envolve dimensões simbólicas, culturais e sociais que escapam à mensuração.

Nóvoa (2020) aborda a avaliação escolar a partir da centralidade do trabalho docente e da construção de sentidos no processo educativo. O autor critica a excessiva valorização de métricas e indicadores, argumentando que a cultura da mensuração desprofissionaliza o professor ao submeter sua prática a padrões externos de desempenho.

Nóvoa (2020) destaca que a nota, quando utilizada como principal referência avaliativa, empobrece o diálogo pedagógico e enfraquece a relação entre ensino e aprendizagem. O autor defende que avaliar deve ser um ato pedagógico fundamentado na observação, no acompanhamento e na interpretação dos processos de aprendizagem, e não apenas na atribuição de resultados numéricos.

Ao reduzir a aprendizagem à nota, a escola corre o risco de esvaziar sua função formativa, transformando o ato educativo em mera preparação para avaliações. Nóvoa (2020) sustenta que superar essa lógica requer fortalecer a autonomia docente e promover culturas avaliativas baseadas na confiança, na reflexão e na responsabilidade pedagógica compartilhada.

Charlot (2013) contribui para a compreensão da aprendizagem ao enfatizar a relação do sujeito com o saber, perspectiva que tensiona diretamente a cultura da mensuração. O autor argumenta que aprender envolve sentidos, desejos, histórias de vida e relações sociais, elementos que não podem ser capturados por instrumentos avaliativos centrados exclusivamente na nota. Charlot (2013) destaca que a avaliação numérica tende a ignorar a dimensão subjetiva da aprendizagem, reduzindo o estudante a um desempenho mensurável e desconsiderando sua trajetória formativa.

Para o autor, a centralidade da nota empobrece os processos educativos ao deslocar o foco da relação com o saber para a obtenção de resultados, produzindo desinteresse e afastamento da aprendizagem significativa.

Charlot (2013) defende que avaliar exige compreender como o estudante se relaciona com o conhecimento, quais sentidos atribui ao aprender e como constrói sua identidade escolar.

Nessa perspectiva, aprender não cabe na nota, pois envolve processos complexos que exigem abordagens avaliativas mais humanas, dialógicas e contextualizadas.

Quadro – Análise comparativa entre os autores sobre a cultura da mensuração

Autor	Foco central da análise	Crítica à nota e à mensuração	Contribuição para pensar “aprender além da nota”
Apple (2013)	Relação entre educação, poder e políticas neoliberais	A nota funciona como instrumento ideológico que legitima desigualdades e naturaliza fracassos escolares	Defende a superação da avaliação como controle e a reconstrução da escola como espaço democrático
Ball (2012)	Performatividade e responsabilização nas políticas educacionais	A mensuração produz culturas de competição, ansiedade e controle sobre docentes e estudantes	Propõe repensar a avaliação para além de metas e rankings, valorizando processos pedagógicos
Sacristán (2017)	Avaliação como expressão do currículo	A centralidade da nota empobrece o currículo e privilegia aprendizagens superficiais	Defende avaliações integradas ao currículo e voltadas à formação integral
Santos (2019)	Epistemologias do Sul e monocultura do saber	A nota invisibiliza saberes não hegemônicos e experiências culturais diversas	Propõe uma ecologia de saberes também na avaliação,

Autor	Foco central da análise	Crítica à nota e à mensuração	Contribuição para pensar “aprender além da nota”
			reconhecendo múltiplas aprendizagens
Nóvoa (2020)	Profissionalidade docente e sentido pedagógico	A mensuração excessiva desprofissionaliza o professor e esvazia o ato pedagógico	Defende culturas avaliativas baseadas na confiança, no acompanhamento e no diálogo
Charlot (2013)	Relação do sujeito com o saber	A nota ignora sentidos, desejos e trajetórias dos estudantes	Sustenta que aprender é um processo subjetivo e relacional que não pode ser reduzido a números

Fonte: autores, 2026

4. Estudos futuros

Os resultados teóricos apresentados neste artigo indicam a necessidade de aprofundar investigações empíricas que analisem como a cultura da mensuração se manifesta concretamente nas práticas avaliativas do cotidiano escolar.

Estudos futuros podem explorar, por exemplo, como professores de diferentes etapas da educação básica interpretam e ressignificam a centralidade da nota em contextos marcados por avaliações externas, metas institucionais e pressões por desempenho. Ball (2012) sugere que compreender essas práticas exige atenção às condições de trabalho docente e às políticas educacionais que moldam a ação pedagógica.

Outra possibilidade de investigação consiste em analisar a percepção dos estudantes sobre a avaliação centrada na nota, buscando compreender como essa lógica afeta sua relação com o saber, sua motivação e seu engajamento com a aprendizagem. Charlot (2013) oferece um referencial teórico potente para estudos que articulem avaliação, subjetividade e sentidos atribuídos ao aprender, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Pesquisas futuras também podem examinar experiências escolares que adotam práticas avaliativas alternativas, como portfólios, projetos interdisciplinares, autoavaliação e avaliação por pares, investigando seus impactos sobre a aprendizagem, a inclusão e o clima escolar. Sacristán (2017) destaca que tais práticas só produzem efeitos transformadores quando articuladas a projetos curriculares coerentes e participativos.

Além disso, torna-se relevante desenvolver estudos comparativos entre redes de ensino ou países, analisando como diferentes políticas de avaliação influenciam os processos educativos e a justiça educacional.

Santos (2019) aponta que tais investigações podem contribuir para a construção de modelos avaliativos mais plurais, capazes de reconhecer a diversidade de saberes e trajetórias presentes na escola contemporânea.

5. Considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidencia que a cultura da mensuração ocupa um lugar central na organização dos sistemas educacionais contemporâneos, influenciando currículos, práticas pedagógicas e concepções de aprendizagem.

A centralidade da nota, longe de ser um elemento neutro, configura-se como dispositivo de poder que regula comportamentos, classifica sujeitos e legitima desigualdades historicamente construídas, conforme argumentam Apple (2013) e Ball (2012).

Os autores analisados convergem ao afirmar que aprender não pode ser reduzido a um valor numérico, pois envolve processos complexos, subjetivos e socialmente situados. Sacristán (2017) e Charlot (2013) demonstram que a aprendizagem significativa exige tempo, diálogo e reconhecimento das trajetórias individuais, elementos frequentemente invisibilizados por práticas avaliativas centradas na mensuração.

As reflexões de Santos (2019) e Nóvoa (2020) reforçam que superar a lógica da nota implica repensar a própria função social da escola e fortalecer práticas avaliativas comprometidas com a formação humana integral.

Avaliar além da prova não significa eliminar critérios, mas construir processos mais justos, democráticos e formativos, capazes de valorizar a diversidade de saberes e experiências que constituem o ato educativo.

Conclui-se, portanto, que enfrentar a cultura da mensuração é um desafio pedagógico, político e ético, que exige mudanças estruturais nas concepções de avaliação, currículo e aprendizagem, reafirmando a educação como prática social comprometida com a emancipação e a justiça educacional.

Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BALL, Stephen J. **The education debate**. 2. ed. Bristol: Policy Press, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2013.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 4. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2020.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.